



FIM DE SEMANA • 58

1. Naquela janela fronteira da torre de muitas habitações há sempre estendidos lençóis e cobertores a secar. A senhora está doente, muito doente, assim há meses; é preciso mudar-lhe constantemente a roupa.

Aqueles lençóis e mantas sempre tombados da janela a secar, trazem-nos todos os dias, todas as horas, um sinal de que ainda há vida.

Habitamo-nos a espreitar-lhes a presença.

Um dia deixarão de aparecer caídos da janela.

E então compreenderemos.

2. Todas as localidades andam febrilmente ocupadas em mudar os nomes às ruas, actualizando os figurinos toponímicos.

Mas essa será assim uma tarefa tão urgente, tão prioritária, num país que procura construir-se e cujos problemas maiores são o económico, o laboral e o ultramarino?

Não estaremos a fazer dessas futilidades novos motivos de alienação como o futebol servia ao regime corporativo?

3. Espinho abriu a passagem subterrânea ao público em 1 de Junho, sem fitas, foguetes, discursos, lápides co-

memorativas, crianças de escola (as infelizes) a trazer flores e abrir alas.

Assim está certo.

A gratidão que a cidade pode e deve ter pelas autoridades que lhe proporcionaram o melhoramento é a mesma e o louvor pela obra mantém-se.

O resto era gastar dinheiro em jantaras e cuspo em paleio inútil.

4.

Nos tempos anteriores ao 25 de Abril, ouvia-se na Campanha Rodoviária na T. V. «onde houver passeios, os senhores peões devem seguir por eles e não pelo leito das ruas, porque esse é para os automóveis».

Ainda gostava de ver o que fazia o autor do slogan se viesse a Espinho: ou ficava com cara de asno, ou chamava nomes feios aos da terra, ou virava o slogan: — «Onde houver passeios os senhores peões seguem pelo leito das ruas, pois eles são para os automóveis».

5.

No «Jornal de Notícias» do dia 15 de Junho, a pág. 4, no noticiário do «Grande Porto», lê-se que «por terem sido surpreendidos a escrever frases antifascistas em várias paredes da Foz-do-Douro, foram identificados pela P. S. P., e posteriormente processados pelos senhores Fernando Guedes e Dr. Augusto Veloso Ferreira, os artistas plásticos, senhores

(Continua na pág. 2)

O NOSSO COMENTÁRIO
AOS QUE SE RECUSAM A ABRIR OS OLHOS

Vivemos dois meses de liberdade, sessenta dias que a tantos pareceram tão curtos e breves, porque foram vividos com ardor, no aã de tudo auscultar, de tudo despertar no imenso corpo que é Portugal livre. E realmente os dias são breves para todos os que, lucidamente procuram recuperar em campo aberto os trágicos anos de clausura cívica.

No entanto outros afirmam já ser longo o tempo decorrido e queixam-se que não foi feito tudo o que se devia. A estes parece que se caminha vagarosamente para a execução das reformas que «sabiamente» exigem e como o processo de democratização não acompanha o falso frenesi da sua vontade, vá de afirmar que «tudo está na mesma» e para não se aborrecerem dão de ombros e acendem o seu cigarrinho, frente ao jornal. Quando insistimos: «então amigo, porque é que isto vai mal?» titubeiam recriminações sobre as greves e sobre os aumentos de salários, protestam contra o custo de vida e contra as movimentações sindicais e até afirmam — oh espanto! — que a televisão está cada vez pior.

Estes cidadãos arpejam-nos. Habituarão-se a viver de olhos fechados e de ouvidos tapados. Entre amigos, no circuito familiar, arriscavam a sua criticazinha comedida às «coisas» do governo, de vez em

quando transmitiam a última intriga-zinha especulativa de qualquer chorrada negociata e, assim, satisfaziam e davam por cumprido o que consideravam um acto de cidadania. A televisão era má, mas adormecia! A malta ganhava pouco, mas andava calada! A vida estava cara, mas não se morria de fome!

E agora? A televisão não deixa adormecer, sacode, desperta, diz-nos coisas que obrigam a pensar e a estar atentos. Por isso tornou-se desagradável para muitos e porque, também, há muito tempo não mostra os grupos bem comportados dos meninos e meninas, de bibes lavados e engomados, a atirar papelinhos sobre sorridentes pessoas importantes. No écran, agora, aparece o rosto de um povo, que se afirma na vontade poderosa de não mais soltar das mãos o leme e a bússola do futuro. E nem sempre este rosto é sorridente, nem sempre lavado, nem sempre calmo.

Ora se «tudo está como dantes» é dentro daqueles que ainda não quiseram abrir os olhos nem destapar os ouvidos. Para esses sim já passou muito tempo depois de Abril, mas continuam sonâmbulos, sem despertar. Lamentavelmente!

(de «O Comércio da Póvoa de Varzim»)

«ANIMAÇÃO CULTURAL»

— Entrevista com José Vieira Marques —

Certamente que não terá passado despercebida a nova secção deste Jornal, inserida sob o título de ENCONTRO no passado dia 1 de Junho. Esta secção funciona a cargo do CENTRO DE ESTUDOS E ANIMAÇÃO CULTURAL, de que é fundador e director o nosso entrevistado de hoje. Passamos a apresentá-lo, através daquilo que julgamos mais importante da sua actividade. Crítico e ensaísta cinematográfico, colaborador habitual nas revistas «Expresso» e «Brotéria», e no programa «Página Um» da Rádio Renascença. Representou Portugal nos Congressos Internacionais da O. C. I. C. (Viena, Veneza, Berlim) e da U. N. D. A. — Rádio e TV (Roma, Munique, Sevilha). Participou em diversos Festivais de Cinema e TV, fazendo parte de alguns júris internacionais. Participante no Congresso sobre Ensino de Cinema na Escola, em Roma. Membro permanente da Conferência Internacional Filme e Juventude de Mannheim. Secretário Geral (executivo) da Semana Internacional de Cinema da Figueira da Foz. Fundador, em 1954, e principal animador, dos Encontros de Estudos Cinematográficos.

«Apanhámo-lo entre os festivais de Cannes, agora regressado, e o de Berlim, para onde parte dentro de horas. Do descrito, fere-nos de sobremaneira a sua actividade durante 20 anos consecutivos como organizador e animador dos Encontros. A nossa primeira e natural pergunta, fácil de adivinhar, revelou:

J. V. Marques — O mais importante são os Encontros anuais realizados desde 1954, que, por razões óbvias conhecidas da nossa experiência do antigo regime, tiveram que saltar periodicamente de uma Terra para outra, porque, apesar de só se realizarem anualmente, era facilmente perceptível o seu objectivo final, e este foi bem claro desde o princípio: criar — a palavra foi mesmo essa a empregada entre nós — criar um espaço de liberdade, e depois, de uma forma, digamos, mais romântica, a nossa ideia ia, em última análise, desembocar no desejo de manter viva, ao

menos, a saudade da liberdade de expressão. É certo que, nesses encontros, se criou normalmente uma certa situação de laboratório, quero dizer, reuniam-nos normalmente em estabelecimentos de ensino de carácter particular, portanto ficávamos ao abrigo do vendaval que corria cá fora, mas talvez esse aspecto de isolamento fosse a atitude necessária para manter acesa uma luzinha, uma vela, que a tal tempestade, no exterior, imediatamente faria apagar...

P. W. — Ainda bem que assim consideras que esta é a parte mais importante da tua actividade, porque era justamente

(Continua na pág. 5)

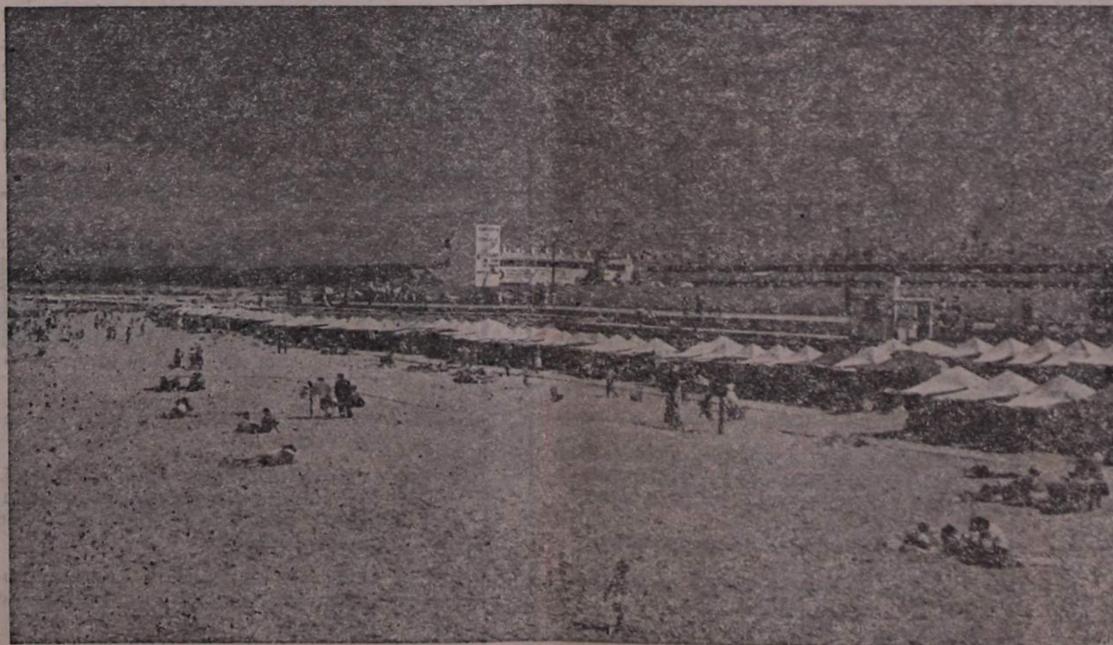
A CONCESSÃO DO JOGO EM ESPINHO

Por resolução do Conselho de Ministros, e em defesa do interesse nacional, vão ser revistos os contratos de exploração das zonas de jogo do país. Evidentemente que a zona de Espinho, presentemente adjudicada à Solverde, também vai ser incluída na revisão. Estamos inclinados a acreditar que o interesse nacional a defender, partindo do princípio que os concursos foram feitos com isenção, incide numa mais racional aplicação das verbas no referente a quantidades, prazos e conveniências.

Na verdade, e em nossa opinião, não concordamos que se gastem

mais de 90 mil contos no novo edifício do Casino a construir no mesmo local. Para além de ser uma verba sumptuosa, será necessário demolir o presente edifício, que ao longo dos últimos anos tem sido beneficiado com obras de muitos milhares de contos, garantindo assim uma boa conservação. A sua aplicação para outros fins que se considerem de utilidade seria lógica e economicamente mais aceitável se fosse resolvido construir um novo Casino

(Continua na pág. 2)

ERA
ASSIM
A PRAIA
NORTE

EM FRENTE

A PISCINA

E tudo a areia levou! O mar, as novas barragens, os erros dos homens... Servirá o drama de hoje como força poderosa para defender a praia e a terra?



DEFESA DE ESPINHO

REDACÇÃO

ARMENIO GOMES
CARLOS PINHEIRO MORAIS
JOÃO QUINTA

SEMANÁRIO

FUNDADOR

BENJAMIM COSTA DIAS

ADMINISTRADOR E CHEFE
DE REDACÇÃO

ANTÓNIO GAIO

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA
DE PUBLICIDADE
DE ESPINHO, LDA.

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Officinas gráficas da
CASA NUN'ALVARES
Rua de Santa Catarina, 630
P O R T O

FIM DE SEMANA-58

(Conclusão da pág. 1)

Joaquim Lima Carvalho e Alfredo Queirós Ribeiro».

Leio e fico apatetado. Mas em que ordem política e social estamos? É crime escrever frases antifascistas? É crime que justifique a intervenção da P. S. P.? É qualquer particular pode processar? E quem processa os que escrevem frases, que constituem verdadeiras injúrias e difamações, contra alguns membros do Governo? Quem processa os que escrevem frases antidemocráticas?

6.

Agora se os sujeitos foram punidos por escrever nas paredes, acho muito bem.

Porque um aspecto francamente negativo é a mania de escrever nas paredes, até em monumentos, literatura que vai ao ponto da obscenidade.

Ora esses é que a P. S. P. devia identificar, fossem eles quem fossem, tivessem a cor que tivessem, para que o Ministério Público os processasse (e não os particulares ciosos dos seus interesses e melindrosos nas suas convicções).

7.

Em «O Primeiro de Janeiro» também do dia 15 de Junho, a pág. 10, na rubrica geral «Momento Político», lê-se que o Conselho Permanente do Episcopado se reuniu no Sameiro, apreciou a conjuntura do momento da vida portuguesa, que exige uma tomada de posição e uma palavra esclarecedora a tomar e proferir oportunamente. Para já deliberou fazer eco da viva indignação que provocou o espectáculo transmitido pela R. T. P. em 10 de Junho na população católica; e até telegrafou logo ao Sr. Presidente da República e ao primeiro-ministro do Governo Provisório manifestando a sua indignação.

Então os Senhores Bispos, e com toda a reverência que merecem Suas Se-

nhorias, tendo apreciado o momento actual que o país vive, que é tão grave, tão decisivo, tão cheio de dificuldades, angústias, esperanças, o único facto que viram a carecer da sua intervenção imediata é essa transmissão da R. T. P.? É incomoda os altos magistrados da Nação com os seus protestos em vez de os animar com incitamentos, conselhos úteis, colaboração no seu domínio espiritual, ajuda a construir uma sociedade válida?

8.

A «Sedes» pronunciou-se por que a solução do problema económico português está num socialismo liberal, isto é, politicamente não totalitário.

A «Sedes» é um organismo dedicado a estudos económicos com largos anos de estudos, séria e acreditada.

Atente-se no que diz.

9.

Espinho vive a euforia da subida do seu Clube de futebol à 1.ª Divisão Nacional.

Está de parabéns e estão-no os seus dirigentes, merecem louvor os seus jogadores por terem sabido cumprir o seu dever de profissionais com a entidade patronal.

Mas — e pelo que leio e ouço vejo que a preocupação já existe — comecem a poupar-se energias gastas em manifestações de regozijo e canalizem-se para as tarefas e compromissos que o clube contraiu, que são mesmo muito grandes.

Verifica-se que, afinal, no meio de tantos problemas sérios e grandes da hora presente, o espectáculo futebol ainda continua a desempenhar perigosamente o papel alienatório que tinha antigamente.

VASCO LUIS

Um olhar sobre antigos acontecimentos

A ética religiosa dos pescadores não tinha origem em simples preconceitos.

É que, todas as suas manifestações de temor a Deus, vinham-lhe do âmago, tinham fundas raízes e ainda actualmente têm, embora menos fervorosas! Desde o berço até à morte são cristãos e também praticantes humildes e crentes nos preceitos católicos, razão porque nas horas mais altas das suas aflições recorrem constrictos às mercês de origem Divina!

Criança recém-nascida morta sem baptismo, gera neles um desgosto profundo, pois como dizem: o anjinho não vai para o céu!

A comunhão, por sua vez, como acto de profissão de fé, processava-se, como ainda hoje, na idade adolescente que personifica a sua maturidade religiosa. Para se poder transpor este requeirido obstáculo foi sempre exigido pela igreja uma prova um tanto severa, hoje mais facilitada — porque as crianças tinham de aprender larga dose de mandamentos doutrinários sem o qual não lhes era permitido integrar-se em tão mística como desejada cerimónia da primeira comunhão!

Naquele tempo havia um professor particular, António Bouçon, que durante três meses — pois era o tempo que levava para ensinar toda a doutrina — e por tal tarefa levava cinco tostões!

Ora como a maior parte não sabia ler, pois vinha das classes mais humildes, o professor, em tarefa árdua, lutava com dificuldades de toda a ordem para meter em rudes cérebros os termos variadíssimos da matéria!

Este homem merece a referência que aqui fica, porque prestou relevantes serviços em favor das primeiras letras — não ia até ao exame — mas deixou um precioso raio de luz inesquecível! Para mais, havia apenas a Escola Conde Ferreira, hoje Feminina.

Quanto aos casamentos, nos quais só a igreja intervinha, realizavam-se em ambiente simples mas festivo, bem característico da época, um tanto mais aparatoso quando se tratasse de noivos abastados. Já havia carruagens, mas o acompanhamento fazia-se a pé. Escusado será dizer que todos os componentes se apresentavam bem vestidos. As cachopas com lenços de seda e challes finos pretos nos braços, mas apenas de chinélas de verniz bordadas, nada de sapatos, que eram censurados, pois só muito tarde o uso deles chegou ao Bairro, reduto de tradições!!!

O casamento era pois, uma festa, alertava a Comunidade e havia muita boda. Atiravam-se confetos de diversos tamanhos, ao longo do trajecto até à igreja, que muitos adultos apanhavam em mistura com a miudagem!

Usava-se então, o casamento falado, de interesse: os pais tratavam muito do futuro dos filhos. Estes obedeciam a combinações prévias, pois seria preciso

saber o que levava um e outro como: correntes, bugiganga, cordões, broches de libras, palheiro e limpezas (roupa branca variada) tipo a que chamam hoje enxoval, faceta que se revestia de certo brio, pequeno mundo cheio de coisas que não nasciam por obrigatórias leis, mas sim como herança dos tempos, cívica, cheia de virtudes e rica de ética!

Sobre enterros, a última fase da vida, revestiam-se de muita religiosidade, e muitos dos mais abastados levavam música e tinham officios demorados, cerimónia de muitos padres!

Davam esmolos em pão ou dinheiro, especialmente depois da missa do sétimo dia.

O tempo diluiu tudo!

As promessas a Santos estavam na índole da gente do mar e iam longe a pé cumprilas, contagiando os caminhos com a sua alegria, pois tocavam e dançavam todo o caminho! A Senhora da Saúde dos Carvalhos, S. Torcato, em Guimarães, Senhor de Matosinhos, eram os preferidos, mas nenhum tirava o lugar à Senhora da Ajuda!

O padre Pinho Nunes, autor da Monografia de Aguda, que foi fundada pelos pescadores de Espinho, diz o seguinte: «Na sacristia da Capela de Aguda, conserva-se um lindo modelo de igreja, barquinho curioso, ex-voto do sr. José Fernandes Tato, oficial da Marinha Mercante, natural de Espinho, feito por ele e oferecido à Senhora da Nazaré como promessa do milagre acontecido em 30 de Setembro de 1920. O referido veleiro que o oficial pela primeira vez pilotava (o Atlas) de regresso de Cuba a Portugal, foi surpreendido por um ciclone que lhe causou grandes avarias pondo em perigo a tripulação, pelo que foi implorada confiadamente a protecção da N. S. da Nazareth. A tempestade amainou e o navio chegou ao Porto em 25-11-1920».

Ainda se encontra vivo o referido espinhense e nunca falta à festa da Senhora da Ajuda, Padroeira da sua terra! A Fé anda no coração dos homens; e haverá alguém que a não tenha? Dos fundadores de Espinho, saíram dois padres, o primeiro, António André de Lima, nasceu em 1866 e faleceu em 7 de Janeiro de 1933 teria hoje 108 anos! O segundo, filho de espinhense, nasceu na Afurada, em 1891 e faleceu em 1960, com 71 anos, teria hoje 83 anos. Chamava-se António Pinhal. Ainda existe um membro de sua família em Espinho. O padre Lima, escreveu alguns artigos sobre Espinho antigo, na «Defesa de Espinho» que eram lidos com bastante interesse! Segundo constou então, tinha escrito um memorando sobre a sua terra, mas a verdade é que certa qualidade de herdeiros, que não eram da sua família, pretendiam negociá-lo e por fim até desapareceu. É de lastimar que assim tivesse acontecido!

Joaquim Tato

Câmara Municipal de Espinho

EDITAL N.º 23/74

António Correia Pinto de Matos, Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Concelho de Espinho:

Faço público que esta Câmara, em sua reunião extraordinária de 27 do corrente mês, deliberou abrir segundo concurso para entrega de propostas nos termos das condições existentes na Secretaria Municipal e que se encontram patentes aos interessados todos os dias úteis, dentro das horas normais de expediente, para exploração de 3 montras existentes na passagem inferior ao caminho de ferro, na Rua 19, em Espinho, no período de 1 de Junho corrente a 31 de Maio de 1975.

As propostas terão de ser entregues até às 17 horas e 30 minutos do dia 17 de Julho próximo, em envelope fechado e lacrado, com a indicação do concurso a que se destinam, sendo abertas na primeira reunião ordinária que se seguir.

E, para constar, se passou este e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo e publicado no Jornal «Defesa de Espinho».

Espinho e Paços do Concelho, 27 de Junho de 1974.

O Presidente da Comissão Administrativa

António Pinto Correia de Matos

PERDEU-SE

Cão preto. Raça Caniche. Quem souber do seu paradeiro é favor avisar os telef. 920 601; 921 483. Gratifica-se

Armazém

Aluga-se com 200 m2 e cave com a mesma superfície na rua 16 n.º 54 Falar na Rua 7 n.º 399 — ESPINHO

OFICINA DE REPARAÇÕES DE AUTOMÓVEIS «DO ANIBAL», EM ESPINHO — RUA 8 e 35

por falecimento do proprietário

Vende-se, passa-se ou aluga-se para outro fim Recebem-se propostas — falar com José Silva — Rest. Cabana Espinho Telefone n.º 921322-921966

A concessão do jogo em Espinho

(Continuação da Pág. 1)

noutro local. Paralelamente os parques automóvel subterrâneos de apoio orçam em 19 mil contos e terão que ser feitas paredes meias com o mar! O próprio cinema no local presente é a todos os títulos de defender já que no novo Casino será construída nova sala de espectáculos, o que proporcionaria à terra um total de três salas.

Todas as outras obras a levar a efeito pela presente concessionária deveriam merecer uma ordem de concretização mais consentânea com as necessidades da terra, pois é perfeitamente possível relegar, ou até eliminar, a ordem de obrigatoriedade decidida, desde que se equacionem as prioridades mais vantajosas.

J. J.

REVISTA DE INFORMAÇÃO TÉCNICA • REVISTA DE INFORMAÇÃO TÉCNICA • REVISTA DE INFORMAÇÃO TÉCNICA • REVISTA DE INFORMAÇÃO TÉCNICA

gazeta mecânica



REVISTA DE INFORMAÇÃO TÉCNICA • REVISTA DE INFORMAÇÃO TÉCNICA • REVISTA DE INFORMAÇÃO TÉCNICA • REVISTA DE INFORMAÇÃO TÉCNICA

- Leia o n.º 24, com o sumário seguinte:
- Carga dinâmica equivalente para rolamentos de esferas de contacto angular e rolamentos de rolos cônicos.
- Circuito hidráulico para accionamento de uma máquina de aplainar.
- A influência dos elementos de ligação num aço.
- Técnica de execução da lima-gem.
- Faixa de velocidades de um torno.
- A utilização de correias planas em transmissões mecânicas.
- O lugar do homem na vida empresarial.

★
A venda no Quilisque Reis - Espinho

NOTÍCIAS DA CIDADE

ACADEMIA DE MÚSICA DE ESPINHO

Em 26 de Junho, no Hotel Praia-golfe, realizou-se uma audição dos alunos finalistas desta Academia, Maria Teresa Mendonça, Gisela da Silva Neves e Fausto Manuel da Silva Neves, audição com todos os predicados de um bom recital executado por gente jovem. Apesar do mau tempo, verificou-se a presença de público numeroso, que salientou as boas interpretações, dando o melhor aprego, entre as outras peças executadas, às variações, para violoncelo e piano, interpretadas pelos irmãos Gisela e Fausto, ao estudo de Heller, pela pianista Maria Teresa e à primorosa interpretação do «Clair de Lune», de Debussy, por Fausto Neves.

É interessantes frisar a presença neste serão de um grupo de turistas ingleses hospedados no Hotel, que atentamente ouviram todo o programa executado, tendo, no final, cumprimentado entusiasmadamente os jovens artistas.

ACIDENTE DE VIAÇÃO

Ao começo da noite do passado domingo, no cruzamento das ruas 33 e 24, houve um acidente de viação em que se viram envolvidos três automóveis conduzidos por Augusto Rodrigues Neto, de S. João da Madeira, José da Conceição Oliveira Gomes, de Leça da Palmeira, e Amaro da Silva Leitão, do Porto. O primeiro dos citados condutores sofreu fractura de clavícula, conforme foi verificado no Hospital de Espinho, onde foi igualmente assistida sua esposa, D. Ângela Emília Costa Neto, ferida numa perna. Os outros condutores ficaram ileso e as viaturas sofreram consideráveis danos.

Amadeu Morais

ADVOGADO

Transferiu a residência e o escritório em Espinho para a Rua 20, n.º 412.

Telefones:

Escritório — 920273
Residência — 922424

AERÓDROMO DE ESPINHO

O Director Geral da Aeronáutica Civil, em 3 de Junho último, proferiu um despacho em que nomeia Director Civil do Aeródromo de Paramos (Espinho), o sr. João José Alves de Oliveira Quinta, piloto civil, destacado dirigente do Aero Clube da Costa Verde e componente da redacção do nosso jornal. Desejamos ao nosso prezado colega as maiores felicidades no desempenho deste cargo que nos parece «estar-lhe a matar».

JURAMENTO DE BANDEIRA

Na passada quinta-feira realizou-se no G. A. C. A. 3, em Paramos, o juramento de bandeira dos soldados recrutas da 2.ª incorporação do ano corrente daquela Unidade. As cerimónias, que decorreram de manhã, começaram com alvorada festiva, hastear da bandeira e formatura geral, durante a qual foi feita a leitura dos deveres militares. Após um oficial ter proferido uma alocução alusiva ao acto, os soldados prestaram o seu juramento, tendo em seguida desfilar perante as entidades que presidiram à cerimónia.

DO HOSPITAL

MOVIMENTO DE 25-6-74 a 2-7-74

Internamentos Gerais	50
Exames radiográficos	156
Crianças nascidas	23

INTERVENÇÕES CIRÚRGICAS

Cirurgia	16
Urologia	4
Oftalmologia	2
Obstetrícia	1
Ortopedia	2
Otorrino	9

SERVIÇO DE URGÊNCIA

Homens	292
Mulheres	177

INTERNADOS ENTRE OUTROS

Maria Fernanda Correia Figueiredo da Silva, para Obstetrícia, Espinho;
Sara Aroso Alves Silva, para Cirurgia, de Espinho;
Rosa Maria Ferreira Santos, para Cirurgia, de Grijó.

DR. MÁRIO VALENTE LEAL

O nosso conterrâneo Dr. Mário Valente Leal, juiz-conselheiro do Tribunal de Contas, cujas qualidades de carácter e de simpatia o impuseram justamente à admiração de todos os espinhenses, vai conhecer uma nova faceta nas suas actividades de homem público. Com efeito, em despacho conjunto, os Ministros da Coordenação Económica e do Equipamento Social e Ambiente, acabam de nomeá-lo para desempenhar o cargo de presidente do conselho de fiscalização das empresas públicas dos CTT e dos TLP. Apeçecemos ao distinto magistrado os melhores sucessos nas suas novas funções.

FESTAS DE S. PEDRO

Cumprindo totalmente o programa estabelecido, realizaram-se, como havíamos anunciado, as Festas a S. Pedro. A sua Comissão Organizadora deve sentir-se satisfeita pois no recinto da Capela de S. Pedro se acumularam centenas de pessoas a quem festejos deste género são inteiramente atractivos.

CENTRO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Abriu no passado dia 30, à rua 8 n.º 333, o Centro de Trabalho, desta cidade, do Partido Comunista Português cujo horário de funcionamento é o seguinte:

das 10 às 12 horas
das 14 às 20 horas
das 21 às 24 horas.

Agradecimento

D. Maria del Carmen de Gessler y Buisson agradece a todas as pessoas que de qualquer modo se interessaram ou manifestaram o seu apoio, quando da sua estadia no Hospital de Espinho.

Missa de 1.º Aniversário

Pela alma de Joaquim Alves d'Oliveira e Silva (Sargaço) 5.ª-feira, dia 11, às 20 horas na Igreja de Silvalde. Manda rezar sua esposa e filhos.

Dr. Cerqueira Fernandes

Solicitador

Rua 26 n.º 335 ESPINHO
Telef. 06/72797

manifestações de cultura fascista e exijamos uma cultura popular, virada para os interesses verdadeiros do Povo Português.

E termina assim um comunicado da Comissão Democrática Cultural do Movimento Democrático de Espinho que, a propósito da exibição entre nós do referido filme, tentou alertar o público através da divulgação deste texto e da representação, ao ar livre e perante largas centenas de pessoas, duma pequena peça que chamava a atenção para o ridículo da história e para o facto da sua divulgação se dever a uma política opressora do Governo deposto. E o público reagiu favoravelmente, duma maneira espontânea e sincera, demonstrando a importância de que se revertam as iniciativas deste género e a necessidade de se desmistificar todo um mecanismo fascista que ainda não foi extinto totalmente e só o será se todos trabalharmos para isso.

Agenda

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

Hoje, sábado, 6 — FARMÁCIA TEIXEIRA — Rua 19 — Telef. 920352.

Amanhã, domingo, 7 — FARMÁCIA SANTOS — Rua 19 — Telef. 920331.

Segunda-feira, 8 — FARMÁCIA PAIVA — Rua 19 — Telef. 920250.

Terça-feira, 9 — FARMÁCIA HIGIENE — Rua 19 — Telef. 920320.

Quarta-feira, 10 — GRANDE FARMÁCIA — Rua 62 — Telef. 920092.

Quinta-feira, 11 — FARMÁCIA TEIXEIRA — Rua 19 — Telef. 920352.

Sexta-feira, 12 — FARMÁCIA SANTOS — Rua 19 — Telef. 920331.

CINEMAS

S. PEDRO

Hoje, sábado, 6 — OS CAVALEIROS DO TERROR, com Tony Russell e Silla Gavel — 14 anos.

Amanhã, domingo, 7 — ULZANA O PERSEGUIDO, com Burt Lancaster e Bruce Davidson — 14 anos.

Terça-feira, 8 — A GRANDE FUGA, com Lyudmila Savelyeva e Alexei Batalov — 14 anos.

Quinta-feira, 11 — UMA MULHER PERIGOSA, com Françoise Rosay e Daniel Ceccaldi — 18 anos.

Sexta-feira, 12 — CURVAS NA ZONA, com Reg Varney e Doris Hare — 18 anos.

CASINO

Hoje, sábado, 6 — A MULHER E O PATIFE, com Lino Ventura e Françoise Fabian — 18 anos.

Amanhã, domingo, 7 — OS VORAZES, com Helmut Berger e Françoise Fabian — 18 anos.

Segunda-feira, 8 — PIPI DAS MEIAS ALTAS, com Inger Nilsson e Maria Persson — 6 anos.

Terça-feira, 9 — ENIGMA DE CADEIRA DE RODAS, com Catherine Spaak e Robert Honein — 18 anos.

Quarta-feira, 10 — ULISSES, com Kirk Douglas e Rossana Podesta — 10 anos.

Quinta-feira, 11 — ENSINA-ME A VIVER, com Ruth Gordon e Bud Cort — 18 anos.

Sexta-feira, 12 — MILAGRE DE MILÃO, realização de Vittorio De Sica — 10 anos.

NASCIMENTOS

Em Espinho, Rui Miguel, filho de Joaquim de Jesus Ferreira de Carvalho e de D. Vitória Tavares Duarte de Carvalho.

CASAMENTOS

Na Igreja de Silvalde, Mário Rui Moreira Correia Pinto, com D. Branca Gomes Guimarães da Fonseca.

Na Igreja de Anta, Joaquim Armando Viana da Rocha com D. Carmen Oliveira Pereira.

Na Igreja de Anta, Artur Vieira de Matos, com D. Maria Celeste Loureiro Silva.

FALECIMENTOS

Em Anta, D. Gracinda Gomes da Costa, de 60 anos, casada com Joaquim Domingues Alves Júnior.

Em Espinho, D. Maria Júlia de Pinho, de 55 anos, viúva de Carlos Mário Henriques Viseu.

Em Silvalde, Manuel de Mesquita, de 81 anos, casado com D. Angela Rodrigues de Oliveira.

Em Anta, D. Rosa Pereira, de 69 anos de idade, casada com Edmundo Fernandes do Couto.

O «Simplesmente Maria» e a «Cultura» fascista

Todos já sabemos bem o que era a PIDE, o que era a Censura, conhecemos já estas armas de que o governo fascista se servia para dominar. Mas há uma outra arma que também era muito importante e que talvez ainda não tenha sido muito mostrada: essa arma era a Cultura, isto é, a maneira como o Fascismo punha a cultura ao seu serviço para conseguir os seus fins. É claro que a cultura é um meio de as pessoas se tornarem mais conhecedoras dos seus problemas, mais interessadas no que se passa à sua volta, mais conscientes do seu papel como seres humanos, numa palavra: mais livres. Portanto, a cultura não convinha ao governo fascista. Por isso, tentou tudo para a virar ao contrário, para a pôr ao seu serviço, impedindo que o povo chegasse até ela, ou permitindo-lhe só uma espécie de «cultura» falsa. E isto notava-se em tudo: na literatura, na música, no cinema, no teatro, no desporto (que também é cultura).

E foi assim, com o objectivo de impedir a consciencialização de todos os portugueses, que o Governo Fascista permitiu e apoiou a divulgação no nosso País do mito «Simplesmente Maria», através de folhetins radiofónicos, de fotonovelas, etc.

E porque este incondicional apoio e esta incansável divulgação?

Porque nele existem todos os condimentos que interessavam ao fascismo para «divertir» o povo e distraí-lo dos seus problemas: uma história de uma rapariga de aldeia que vem para a cidade trabalhar. História em si verdadeira, mas que é contada de uma forma errada. Basta ver isto: quantas raparigas que vêm da aldeia che-

gam a famosas modistas, e enriquecem, como nos querem fazer acreditar? Não será verdade mas é o contrário? Que essas raparigas são exploradas de todas as formas e nunca conseguem passar daquilo que sempre foram pessoas exploradas. E que dizer quanto ao problema principal de Maria: ser mãe solteira. O que acontece na realidade às mulheres a quem tal acontece? Não é verdade que logo a sociedade lhes chama os piores nomes, negando-lhes protecção a elas e ao filho? Mas no filme, no folhetim, é tudo muito fácil.

Além disso, ainda se pode ver outro aspecto: a origem do filme, do folhetim, de toda a história. Onde é que nasceu? Na Argentina, na América do Sul. Um continente onde o povo vive submetido aos interesses dos senhores donos das terras e das minas, onde a cultura também está ao serviço de governos semelhantes àquele que nos governava. Portanto, vemos bem como esta história interessava que fosse conhecida em Portugal e a alegria com que os fascistas assistiam às enchentes nas salas onde o filme se exibiu e, ainda mais, ao êxito das revistas e do folhetim na rádio. Ocupando tempo com o «Simplesmente Maria» não o iríamos ocupar com outros assuntos.

Mas agora pergunta-se: será que ainda interessa que esta história desperte a nossa atenção? Hoje que em Portugal se vive uma vida com perspectivas diferentes; hoje que há um Governo que decerto não está interessado em defender ideias fascistas, para que este filme, esta história?

Ataquemos este «Simplesmente Maria», ataquemos e denunciemos todas as

GRANDE CASINO DE ESPINHO

Onde o Norte se diverte

• MÚSICA DE BAILE •

PELOS CONJUNTOS:

- THE DROPS
(Quinteto italiano)
- JOSÉ QUELHAS
- PROMOTION MUSICAL

• VARIEDADES •

- BALLETT KARLAS SHOW
a cançonetista portuguesa
- CORINA
- ALAN e ZENG (ilusionistas franceses)
- IO RICORDS (acrobáticos belgas)

• RESTAURANTE •

Jantares concerto — Esmerado Serviço

SALÃO RESTAURANTE * SLOT - MACHINES

• CINE-TEATRO •

SESSÕES TODOS OS DIAS

Cinema



Milagre de Milão de Vittorio de Sica

Se no último apontamento sobre cinema lembramos o neo-realismo italiano através de Visconti, hoje vamos recordá-lo novamente aconselhando todos a ver o filme «Milagre de Milão» (que passa no Casino na próxima sexta-feira, 12).

Filme realizado por um homem que muito contribuiu para a estética neo-realista (através deste e de outros filmes, tais como: Sciuscia, Ladrões de Bicicletas, Umberto D, etc.), mas que pouca importância tem no actual panorama cinematográfico italiano, pois cedeu às pressões do capital, «comercializando-se».

Este filme e em geral todos os do neo-realismo, deveriam-nos fazer pensar pois retratam uma realidade com certas semelhanças (ainda que para pior) à que nós agora atravessamos, não tivesse o fascismo português muitos pontos de contacto com o italiano.

Para melhor situar o filme transcrevo do n.º 7, Dez. 1951 dos «Cahiers du Cinéma» — Claude Roy:

«(...) A alegoria — processo que consiste em descrever uma coisa com o ar de estar a descrever outra — é a técnica da cumplicidade imposta ao leitor ou ao espectador. Toda a obra de arte válida requere, para ser perfeitamente compreendida e penetrada, um esforço da parte daqueles que desejam apreciá-la. Mas na obra alegórica esse esforço é imposto como primeira condição. Pedem-se ao espectador de «Milagre de Milão» não somente que seja o espião passivo de sucessivas imagens, não só que se deixe prender na cilada das aparências, mas também que colabore com os autores.

Ao espectador de «Ladrões de Bicicletas» pedem-se-lhe que viesse para a rua, entrasse no restaurante, na igreja, no

lar. Ao espectador de «Milagre de Milão» pede-se-lhe que entre no jogo.

E o jogo consiste não só em descrever as imagens como elas aparecem, mas também em chamar às coisas o que elas são, em fazer saltar o máximo de realidade possível pelo contraste com o mínimo de verosimilhança. Não é verosímil, por exemplo, que uma pomba mágica dê tais poderes a Tótó; não é verosímil que os pobres de Milão voem sentados em cabos de vassouras; não é verosímil que os homens de negócios ladrem e uivem ao discutirem os seus problemas num conselho de administração. Mas, por contraste e ricochete, é perfeitamente exacto que os pobres são expulsos pelos ricos, que os trusts se inquietem um pouco com a sorte daqueles que exploram. O emprego da alegoria num décor contemporâneo não é a maneira mais fácil para dizer coisas difíceis. Pelo contrário!

Por isso, em «Milagre de Milão» exige-se ao espectador um esforço constante para que desentrelhe os fios da ficção e da verdade, propositada e habilidosamente emaranhados.»

Adriano Cardoso

Dr. Aucíndio Valente

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças Nervosas e Mentais

RUA 20 N.º 500-1.º-TEL. 921014

Dias: 3.as e 6.as feiras com hora marcada

VIDA REGIONAL

Paramos

Vir a chuva da esquerda ou da direita depende do lado para que nos virarmos, nós pretendemos virar-nos para os prejuízos que a água causou à nossa agricultura e é isso, não o título, que nos interessa.

Foram enormes os prejuízos causados, designadamente nos terrenos mais baixos desta localidade e em especial naqueles que estão sujeitos às enchentes do rio Maior que atravessa Paramos.

Além dos prejuízos causados nos milhos, nos batatais, etc., centenas de alqueires de feijão ter-se-ão perdido por terem ficado durante bastante tempo cobertos de água.

Não duvidamos que a coisa não está a correr muito bem para a produção nacional, neste caso também a nossa agricultura já não irá dar a ajuda que era necessária. Neste caso e felizmente não foram as greves que tiveram culpa, mas infelizmente a culpa não foi só da chuva.

O assunto merece ser devidamente ponderado, porque a hora não é para deixar correr. É necessário trabalhar, produzir e exigir dos responsáveis as soluções que se tornem indispensáveis. Assim, este v/ conterrâneo desde já convida todos os lavradores prejudicados pelas recentes cheias, a reunirem-se pelas 21 horas da próxima quinta-feira, dia 11 de Julho, em princípio nas instalações da Banda União Musical Paramense, para trocarmos impressões e tomarmos as medidas convenientes.

Desde já, dando a minha opinião, pela qual como é lógico me responsabilizo, a maior parte dos prejuízos causados pelas cheias do rio, e dado que a barrinha se encontrava aberta, terão de ser atribuídos à Hidráulica (Hidráulica do Douro ou Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos), que por negligência não tem providenciado eficazmente para que o rio que atravessa Paramos mantenha as convenientes condições de escoamento das águas.

Não é a primeira vez que neste jornal me «atrevo» a acusar a Hidráulica, mas nunca o fiz nem o pretendo fazer unicamente para acusar, o que queria era que as acusações originassem que fosse inquirido sobre a razão dessas queixas e que fossem tomadas as providências que são devidas para bem de todos, e com a brevidade que se impõem.

Imaginemos até que ponto podem chegar as consequências, se, com estas condições de escoamento do rio, voltarmos a ter uma tromba de água idêntica ou até maior que a que tivemos há anos atrás, que fez derrocar a ponte de Paramos da estrada Espinho-Ovar. Lembremos das consequências das inundações dos arredores de Lisboa, e depois, mesmo sem querermos ser «amigos da onça», vejamos se não será conveniente estarmos prevenidos.

Domingos Monteiro

Silvalde

Junho de 1974

ESPECTACULO PARA OS POBRES

Promovido, estudado e apresentado por um grupo de jovens estudantes de Silvalde, realizaram-se dois espectáculos de beneficência nos passados dias 8 e 15 do corrente mês, no Salão Paroquial de Silvalde e em favor dos Pobres da nossa freguesia.

O espectáculo era composto por várias rubricas das quais destacamos pelo seu carácter, a crítica informativa e a crítica humorística, além da poesia, factos fundamentais e predominantes do mesmo.

Sem dúvidas que teve grande êxito, o que levou a ser repetido por muitos pedidos, pois em muito contribuiu o nível cultural dos jovens realizadores e a originalidade dos temas, quase só versando ou relacionando casos ocorridos em Silvalde, e ligados a pessoas também de Silvalde. Estes jovens ou todos os outros, deveriam continuar formando um grupo que verdadeiramente contribua para a elevação do nível cultural e material do nosso Povo e da nossa terra.

Houve pessoas que ficam ofendidas, pois talvez se sintam na pele de alguns dos cordeiros evocados no espectáculo, porém, aqueles cuja consciência está tranquila, esses apreciaram, aplaudiram e concerteza que do mesmo tiraram algumas conclusões ou até lições.

Não é novidade para ninguém o que aqui afirmo, mas é verdade que há muito boas intenções que nem sempre são bem sucedidas, assim como há más intenções que por vezes são verdadeiros êxitos, mas uma coisa é certa, é criticando que vemos as nossas e as virtudes dos outros. Esperamos num futuro muito breve ver de novo os jovens caminharem lado a lado para realizações de nível ainda superior, pois deles sairá o futuro da nossa renascida Nação.

REGOZIO E EUFORIA

O Sporting Clube de Espinho vai na próxima época enfrentar os maiores do Futebol Nacional, graças à sua vitória no campeonato da zona norte da 2.ª divisão. Por este motivo o regozio de toda a população silvaldense, não podia deixar de se manifestar e fê-lo, seguindo um grupo dos elementos da Banda Musical de Santiago de Silvalde num autêntico cortejo pelas ruas da nossa cidade, tocando, cantando e dançando, dando vivas aos nossos briosos atletas e ao Sporting de Espinho. Silvalde disse sempre presente ao nosso ESPINHO, não só nas horas amargas e duras, mas também nas de euforia e de alegria como a que hoje vivemos.

Antenor Pereira

GENTIL GOMES DA COSTA

PROPRIEDADES COMPRA · VENDA

Rua Fernandes Tomás, 664
Telefs. 380834 · 311991 · 381032
PORTO



MEDIADOR AUTORIZADO

RESIDÊNCIA

1.ª CLASSE

* * * * *

GIRASSOL

RUA SA DA BANDEIRA, 133
TEL. 21891/2/3 — PORTO-PORTUGAL

*Todos os quartos com banho
Todas las habitaciones con baño
Toutes les chambres avec salle de bain
Every room with bath

RESTAURANTE

TELEFONE 27393

MARISCOS — PRATOS REGIONAIS
BACALHAU E TRIPAS A MODA DO PORTO
TODOS OS DIAS — AS 5as E DOMINGOS
FEIJOADA A BRASILEIRA

ANIMAÇÃO CULTURAL

Entrevista com JOSÉ VIEIRA MARQUES

(Conclusão da 1.ª página)

por aí que me parecia devia começar esta conversa...

J. V. M. — Nestes encontros estiveram presentes pessoas com quem mantivemos sempre uma unidade de ideias e propósitos para a existência, como José Escada, Nuno Portas, Nuno Bragança, mais tarde Magalhães Mota, o Nuno Peres, Luiz Moita. Ao lado desses encontros, tem que se relacionar todo um tipo de animação local. Pessoalmente, (e não só eu, mas também outras pessoas a quem a vida profissional permitia), fomos até ao Porto, a Portalegre, à Guarda, a Braga, a Guimarães, a Faro, a Évora, a Abrantes, a Leiria, a Sintra, à Figueira, a Coimbra, a Laria, sempre com o mesmo objectivo de manter viva a tal saudade...

P. W. — O que é que vocês, concretamente, fazem nessas reuniões?

J. V. M. — Estes Encontros, cujo vigésimo vai acontecer agora em Setúbal, essencialmente constam de 2 aspectos, com igual relevância para ambos. O aspecto de «informação» (em que, a partir de 1961, umas vezes à nossa custa, outras vezes à custa dos próprios, passámos a contar com a presença de elementos estrangeiros), constituído por trabalhos feitos por nós, ou por especialistas ou por realizadores, etc., portanto, no velho estilo de lições ou mesas redondas. Simultaneamente com isto e com igual importância, a prática efectiva da dinamização de base, isto é, «discussão» a fundo de filmes em que, por vezes, nos detinhamos 3 ou 4 horas, por exemplo; discussão, embora mais curtas, de programas de televisão. Os tele-jornais, sobretudo estes, eram da maior simpatia do público, as pessoas sentiam fortemente que aquilo as enganava e desejavam saber porque pontos as enganavam, mesmo a partir da própria reflexão pessoal; discussão, igualmente, da leitura fornecida pelos jornais, chamada «leitura crítica de jornais», ou trabalhos a partir da audição de discos de música («folk» contemporânea. Aqui e além, experiências interessantíssimas de sessões com crianças, quando isso era possível...

P. W. — Ponto fundamental acabas de tocar. Dispunham vocês de filmes para poderem exhibir e discutir?

J. V. M. — Sim. Alguns, alugados, como os do Charlot. Mas, grande parte, era procurado em cinematecas de Embaixadas, aqui em Lisboa. Em certos casos, tivemos que correr alguns riscos. Por exemplo, por mais de uma vez utilizámos a mala diplomática de uma Embaixada (cujo nome tenho pena de não poder revelar...), para trazer algumas obras primas do TRINKA e de outros realizadores checos de filmes para crianças. Em todos os sítios onde foram apresentados, em tempo não-escolar, para motivação dos tempos livres das crianças em férias, tiveram enorme sucesso. De Peniche a Pinhel, passando por Gaia...

P. W. — Durante 20 anos, vocês fizeram esses Encontros e paralelamente, uma série de sessões por este País fora, nas quais projectavam filmes e propunham-se discutir-los com as pessoas que, interessadamente, tinham aparecido. Para espreitar possíveis futuros interesses, gostaria que desses uma ideia simples acerca de reacções e resultados conseguidos ao longo destes 20 anos.

J. V. M. — É muito difícil comprovar-se resultados de actividades deste tipo, mas tenho debaixo da língua milhentos exemplos de gente, que, inicialmente, era camada jovem e hoje tem a minha idade, 40 anos. O que não tenho dúvidas é que se conseguiu criar a ideia da alternativa, em relação à via única que se propunha. A verdade era só uma, e estas actividades (as pessoas sentiam-no profundamente) provavam que a verdade tem tantas facetas quantas as pessoas que a encaram. Há um aspecto que é muito evidente nestas actividades, (que não agradava a muita gente e hoje não agrada a outras) e que é o seguinte: muito mais do que uma pedagogia muito desenvolvida, o que é essencial dizer-se, quer em relação a um filme que se vê, ou a um disco que se ouve, ou a um programa de televisão a que se assiste, é que temos que partir do princípio que as pessoas que assistem, desde que lhe sejam dadas condições de exprimirem a sua opinião, têm qualquer coisa a dizer. Nem que seja simplesmente um ponto de vista meramente sentimental do género: «parece-me que», «gostei muito», «não gostei nada»... e ainda que se parta simplesmente da busca da motivação de que «porque gostou» ou «porque não gostou», isso desde logo se insere um plano muito importante, que é o fazer com que as pessoas tomem a palavra. Porque nós vivemos num mundo em que a grande guerra existente é a guerra de poderes, (toda a gente os quer ter), e o que é fundamental é que se aproveitem todos os modos, e nomeadamente este, por exemplo, o do cinema. Neste

juntam-se 200 pessoas, e no fim ficam 100 para discutir, e é importante que as pessoas tomem a palavra pelas suas próprias palavras e em função da mesma como vêm, como encaram o mundo, ainda que seja duma maneira pequenina, muito primária. Parte-se para isto em oposição a outra prática, que era aquela de dizer que as pessoas estão viciadas pela linguagem oficial que se fala, as pessoas não sabem dizer nada, o que é importante é que a gente venha repetir para aqui o que se passa na escola, e que esta gente não sabe é ver cinema, que não sabe entender o que vê, dizer-lhes coisas... Daí, não só no cine-clubismo mas também em sessões que se fazem com filmes, em várias sociedades, em escolas, em colégios, em liceus, havia anteriormente uma «bela lição» que raramente tinha qualquer coisa de belo. O que tinha sempre de muito, era de fastidioso e depois metia-se a fita a seguir. As pessoas tinham esquecido tudo o que tinham ouvido e algumas teriam ficado com aquilo como «regra de interpretar a fita» o que é um tipo de linguagem paternalista. Não deixa as pessoas em liberdade, tomar as suas próprias asas, mas continua a dar-lhe sempre a sua mão. Ora segundo a minha experiência, o que importa fazer numa animação cultural é manter, de princípio a fim, uma atitude de confiança nas pessoas e o que é um facto é que as pessoas se habituam a reflectir sobre aquilo que viram no ecran, e a trocar impressões entre si. Habitua-se rapidamente à pluralidade de opiniões, que é afinal o princípio fundamental da coexistência humana.

O animador deve convencer-se que não está ali para dar uma lição, mas para suscitar a troca de impressões. Aliás, se ele começa, por 2 minutos que seja, a dar a sua opinião sobre a fita, o facto dele ter vindo do exterior ou ter tomado a palavra previamente, pode bloquear a reacção das pessoas...

P. W. — Qual é, então, o método para «arrancar», qual é o método que vocês seguem normalmente, para que as pessoas inibidas comecem elas próprias...

J. V. M. — É um problema muito ligado ao jogo. A um jogo infantil, não a um futebol cheio de táticas. A um jogo no sentido original, no sentido de festa, de espontaneidade... As pessoas devem sentir que ali estão para jogar um jogo cuja regra primeira é uma regra de espontaneidade, de dizer cada um o que lhe apetece e como lhe apetece, ainda que seja uma atitude francamente negativa perante a fita. Há que acreditar que, não é por acaso que, num sistema de coacção à expressão e à livre associação, as pessoas acabaram por se reunir clandestinamente... Da mesma maneira se as pessoas estiverem a sofrer durante hora e meia e isso em sessões sucessivas se lhes vai tornando clara a pressão de uma fita, as pessoas não-de acabar por dizer, quanto mais não seja para entrarem no jogo — «eu realmente não gostei... eu, afinal, aderi ao triunfo do herói, mas este é um parvo, subiu à custa dos outros»... No fim de contas, o animador é muito mais um «detonador», ou, se quisermos, uma «alavanca», do que, propriamente, o realizador da sessão. Do mesmo modo que a alavanca levanta a pedra e esta cai pelo declive, também o animador é a tal alavanca, que faz com que o tal público comece a mover-se. Mas move-se, por si mesmo. E claro que o animador, depois, coordena as coisas, de vez em quando «faz o ponto», outras vezes até interrompe, é preciso saber por o ponto final no devido momento, saber evitar a debanda. A certa altura, foi fundamental termos descoberto que o importante não era que o debate «arrumasse» uma fita, ou um disco, ou um programa de televisão, mas que sobretudo, determinasse um processo de reflexão, de tal modo que, quando se chegar ao fim de um debate, a pessoa não sinta a boa consciência de guardar o debate no bolso, chegar a casa e pô-lo na estante, mas preferir continuar a discutir-lo com os amigos até chegar a casa. Uma cultura burguesa caracteriza-se fundamentalmente por arrumar as coisas, classificar as coisas definitivamente. Ora, o importante é fazer com que o debate permaneça aberto com as pessoas e para além delas...

P. W. — Eu queria ainda perguntar-te em termos muito práticos, o que consideras da reacção das pessoas, quando voltavas, passado meses ou mesmo anos, ao mesmo «local do crime», em termos de validade ou progresso?

J. V. M. — Para mim a grande validade deste encontro foi, devo dizê-lo, e em primeiro lugar, as grandes amizades criadas. Isto parece uma prova mais do que definitiva. Em relação à sua própria cultura, isto é, ao seu caminho pessoal, há sítios onde me convidam sistematicamen-

CARTA ABERTA

Irão, julgamos crer, estranhar os leitores pela mudança de compartimento mas verificamos, com certa mágoa, que a «PORTA» não está a funcionar convenientemente, estará talvez em más condições mecânicas ou técnicas, deduzimos, pois chega a emperrar mais de um mês antes de abrir.

Vem tudo isto a propósito do artigo inserido no último número da DEFESA datado de 22.6.74 sob título garrafal de «A CAMARA», cujo original, convém esclarecer, a redacção possuía desde 21 DE MAIO DE 1974, havia portanto um mês, publicando-o só agora, talvez por simples coincidência com factos ocorridos posteriormente àquela data.

Como é óbvio, e uma vez que não houve o cuidado de datar o escrito, por atrasado, pode a notícia servir para dois acontecimentos quase idênticos, com resultados diferentes, podendo desta forma arrastar o leitor menos prevenido para julgamento errado.

Assim não vale. Posto isto, é mister que o jornal esclareça com independência o seu público leitor e se determinada óptica, mesmo sem ser da reacção, como é o caso, não veste ao figurino então exista a verticalidade de uma pública tomada de posição.

Neste momento não arredamos nem uma linha dita então, estamos perfeitamente solidários com aquelas afirmações

produzidas em 21 DE MAIO DE 1974, quando então fazíamos o reparo já publicado.

Nunca pusemos em causa a validade da atitude, nem sequer deixamos de apoiar o fim.

Aprovamos o movimento, verberando os métodos, sem recurso ao aval de maioria das massas, quer por consulta em assembleia, quer por referendo ou por outro meio achado de amplo e verdadeiramente democrático, muito embora ainda neste momento acreditemos que esse aval nunca lhes seria negado.

Isto nunca esteve ou está jamais em causa.

Aguardemos o futuro para que a «PORTA» sofra o arranjo de que está carecida e, então, se quiserem talvez possamos voltar.

Expressamos que, pelo nosso lado, fazemos o voto de fé de estar sempre nas primeiras linhas de combate na defesa intransigente das liberdades de expressão e pensamento, bens nunca alienáveis a toda a condição de Homem livre e digno, seja qual for a sua cor, credo político ou religioso, não cedendo por outro lado do direito de seja a quem for de coartar o que pessoalmente nos assiste.

Espinho, 23 de Junho de 1974.

Germano Ferreira da Silva Jr.

Pontuando...

A PROPÓSITO DE INDEPENDÊNCIA E DE UMA «CARTA ABERTA» DIRIGIDA NÃO SE SABE A QUEM

Muito provavelmente a «carta aberta» procura alertar os leitores da «Defesa» para a necessidade de uma tomada de posição clara por parte do jornal, no que se refere à sua índole política, insinuando uma atitude facciosa e partidária, que pensamos nunca houve nem haverá.

Ao abrigo do Programa das Forças Armadas, para a instauração de uma verdadeira democracia no nosso País, posso garantir que o jornal não tem posição partidária ou ideológica alguma — o que não impede necessariamente que os que nela trabalham tenham as suas próprias — e está aberto a todas as correntes que verdadeiramente estimulem e propugnem por essa consolidação da Democracia no nosso País.

O que não inserirá mais é todo ou qualquer escrito que, por mais subtilmente camuflado que possa estar, venha com objectivos reaccionaristas e separatistas; o camaleão, tanto quanto eu possa estar atento, não tem lugar na «Defesa» que eu dirijo.

Como órgão de informação local, «D. E.» pretenderá, a par da atenção primária que lhe merecem os assuntos locais, informar os seus leitores e formar a sua consciência acerca de fenómenos públicos de carácter nacional e que, obviamente, interessam a uma parte, por pequena que seja, de toda uma Nação.

O jornal informa-se pois dentro de «uma óptica» conforme os desejos da «maioria» de todos os portugueses: propugna dentro das suas forças por Pão, Liberdade, Segurança Social, Saúde, comunicação franca e fraterna, diálogo leal e sem subterfúgios, repudiando e denunciando, também e sempre, «os queridos filhos de família» que, sem nunca haverem ou pretendido fazer nada, aproveitam os momentos latos do «nada fazer» para, por exemplo, inquirirem, não se sabe porquê, qual a posição ideológica de um jornal.

Será que a formação democrática do autor da «carta aberta» se inserirá, tão

somente, no anseio e desejo de que, em situações meramente conjunturais — como é agora o caso vivido — se designem Comissões Administrativas por simples despachos do Secretário ou Subsecretário, ignorantes ainda das necessidades locais, como aconteceu, por exemplo, com a nomeação da Comissão Administrativa (de que era membro o signatário da carta) designada para substituir a Direcção do Cine Clube de Espinho — agremiação com designios e intenções bem claras de orientar e elucidar o público do que de bom e sadio havia no cinema — e a que depois, amorosa e misericordiosamente, ao bom estilo fascista, essa mesma Comissão Administrativa aplicou a prática da eutanásia?

Então o que é que pretende quando escreve: «mesmo sem ser da reacção», etc., etc., e «aprovamos o movimento, verberando os métodos», etc., etc.?

Desmistifiquemo-nos de uma vez para sempre: o autor da carta está convencido que o que escreveu traduz todo um verdadeiro sentir de democrata e verdadeiro desejo de uma melhor vivência para o Povo, ou pretende, antes e somente, lançar pó e nevoeiro sobre aquilo que outros, amorosamente e com tantos sacrifícios, pretendem alcançar e consolidar com o apoio das Forças Armadas: dilatar e esclarecer esse mesmo Povo, obscurecido e ignorante durante tantos anos, mas nobre e sadio de alma?

Pontuando, pois.

a posição da «Defesa de Espinho» é só esta: aberta a todas as correntes de opinião e ideologias que se dignifiquem, pretendendo esclarecer honestamente a comunidade ávida de viver em Paz, com Amor, com Saúde, em comunidade fraterna, o que lhe não foi possível gozar durante tantos anos, provavelmente, e com certeza, por culpa de demagogos do género dos que encontram agora as «portas emperradas»...

M. C.

te, por necessidade de continuação de um diálogo, quase sempre deixado a meio, ou a setenta e cinco por cento, pois havia uma parte onde não se podia chegar, e neste momento sou solicitado, para que todo um tipo de reflexão, que chegara já à convivência humana, isto é, ao aspecto político, se possa prosseguir agora. Por exemplo, conto que, uma vez, numa cidade de província, muito pequena mas muito viva, uma senhora, (sem uma cultura por aí além, nem sequer secundária), depois da projecção do «Pedro o Louco» do Godard e início de um confuso debate, (e vê o que representa do progresso da senhora) disse: «olhe, já sabemos que você prefere que a gente vá, em conjunto, encontrar algumas explicações para este amontoado de imagens, ou esta confusão de imagens, que eu não consegui perce-

ber nada, mas hoje, faça-nos o favor de explicar duas coisas ao princípio, para ver se a gente parte de qualquer coisa de seguro. Isto representa um enorme caminho andado... Noutro aspecto, tenho hoje comigo um grupo de 15—20 rapazes e raparigas que são já reconhecidas, por alguns dos maiores animadores europeus, como extraordinários dinamizadores de base. Alguns, também escrevem com uma competência que eu gostaria de ver em pessoas que escrevinham umas coisas na imprensa diária e não só!

P. W. — Sobre as pessoas que escrevinham essas coisas, lançando uma verdadeira nuvem de confusão, muito haveria a dizer... Mas, para já, boa viagem até Berlim, e cá esperamos o teu artigo sobre o Festival, nas colunas da Defesa de Espinho!

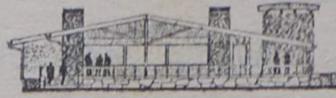
A
 Maior
 Organização
 do País
 em
 Compra, Venda
 e Colocação
 de Capitais



A CONFIDENTE

CAPITAL SOCIAL E RESERVAS:
40.000.000\$00

Rua Passos Manuel, 4-1.º * PORTO
 Rua do Ouro, 292-1.º * LISBOA



Restaurante
Snack — Discoteca
CABANA

TEL.
921000

SALÃO DE FESTAS E SERVIÇO especial para Baptizados, Casamentos e Confraternizações.

Aos sábados à noite — Jantar Dançante
 Aos domingos — **Matinée**
 Com o conjunto — **TONI SAMPAIO**
 Encerrado à terça-feira para descanso do pessoal desde 1 de Outubro a 30 de Abril

CASA LUCIANA **Boutique**

Rua 19 n.º 318 — ESPINHO

Representante em ESPINHO dos Brinquedos «SÓBRINCA» e dos artigos de viagem «TAURO»

Carteiras de Senhora, Sacos de Praia e Viagem,

Calçado, Artigos de Fantasia — NOVIDADES!

JOAQUIM GOMES FERREIRA

Electricista de Automóveis

Montagem de auto-rádios, aparelhagem electrónica para verificação de alternadores, Bobinagem de dinamos e motores, Testes, eléctricos e Focagem de faróis.

(Serviço Mobil)

Rua 15 — Telef. 921900 — ESPINHO
 Residência — Telef. 964194

Boutique Jenny

Artigos Nacionais

e Estrangeiros

Rua 20 n.º 502 — ESPINHO

PINTURARTE

Tecnicamente especializado em todo o género de Pintura Artística, Móveis de Adorno e todo o género de objectos de decoração

Armando Alves Ribeiro

Desenhador - Pintor de Arte

Rua 18 n.º 943 — ESPINHO — Telefone 921412

Colégio de N.ª Sr.ª da Conceição

CURSOS: Liceal - Ciclo Preparatório - Primário - Infantil - Iniciação Musical - Artes Plásticas e Decorativas - Música com Exames no Conservatório - «Ballet»

Telefone 920303 — ESPINHO

Armazém de Lanifícios

ALVIFEX

Alves & Ferreira, L.da

ESPINHO

RUA 16 N.º 975 — APARTADO 144 — TELEFONE, 921569 (Provisório)

MARMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES de

VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF. 920565 — M.te Lírio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561

TELE-ROCHA

Rua 31 n.º 469

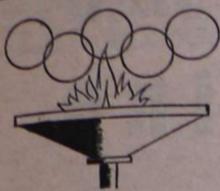
Telef. 920825-977

MÓVEIS — ELECTRODOMESTICOS — RADIO e TV
 — IMPORTADOR — REVENDEDOR —
 BOSCH — KREFFT — SIMENS — LOEWE-OPTA

Preços de Importação

Frigorífico 140 L	3.500\$00
Frigorífico 200 L	4.500\$00
Frigorífico 245 L	5.100\$00
Frigorífico 270 L	5.600\$00
Frigorífico 300 L	7.700\$00
Máquina de lavar roupa	7.850\$00
Torradeiras	225\$00
Ferros automáticos eléctricos	240\$00
Exaustores cozinha	440\$00
Secadores Metal	240\$00
Secadores Plástico	220\$00

PESSOAL PERMANENTE PARA ASSISTENCIA



desporto



Quem é que não está de acordo?

O actual Director Geral dos Desportos, Prof. Noronha Feio, esteve há dias numa reunião onde falou sobre Educação Física e Desportos que os presentes classificaram de muito proveitosa.

Exprimindo conceitos e ideias que se revestem de muita actualidade, Noronha Feio dialogou também com os presentes e quando lhe perguntaram qual a posição que a Direcção Geral dos Desportos iria tomar, para melhorar o desporto nacional, o esclarecido desportista afirmou:

— Somos o país mais atrasado da Europa. Não seria asneira se parássemos dois anos. A Polónia não foi por acaso que jogou aquele futebol que vimos na TV. Recordemos que os polacos estiveram parados quatro anos para poderem reestruturar o seu desporto. Se também tivérmos de parar, não devemos ter hesitações. Já dizia isso há alguns anos e, nessa altura, chamavam-me poeta. Todos nós fomos educados na repressão do gesto físico. As crianças não podem brincar na relva nem nos jardins públicos. Devemos dar liberdade à juventude. Se não houver recintos próprios deixá-la correr nas estradas e brincar na rua.

FUTEBOL

A digressão do Sp. de Espinho pelas Ilhas Adjacentes

Desde a semana passada que a equipa principal do Sp. de Espinho andou em digressão pelos Açores e Madeira, regressando ontem a esta cidade.

Por notícias chegadas até nós a organização desta viagem foi da responsabilidade dos conhecidos homens da rádio Nuno Brás e Ilídio Inácio que proporcionaram aos atletas recém-primodivisionários um fim-de-época deveras agradável e corresponderam aos desejos da Direcção do Clube espinhense também interessada em dar aos seus jogadores um prémio especial pela campanha futebolística

que culminou com a subida de divisão.

O calendário da digressão constou de três jogos nos Açores, um contra a Seleção da Ilha Terceira que os espinhenses venceram por 5-2, outro na Ilha de S. Miguel, frente ao categorizado Belenenses, que terminou com o empate a uma bola, e um terceiro contra a seleção da ilha que os espinhenses venceram por 6-1.

Dos Açores a caravana do S. C. E. seguiu para a Ilha da Madeira onde defrontou a equipa do União, tendo o jogo terminado com um empate a um gol.

Em jeito de esclarecimento

Falaram-nos há dias de um saldo negativo de 400 contos que se atribui à Direcção do Sp. de Espinho da época de 1972-73, ou seja a época passada.

O facto levou-nos a escrever, em jeito de esclarecimento, o apontamento que se segue:

Temos à nossa frente as Contas da Direcção 72-73, aprovadas em Assembleia Geral, que indicam na coluna dos credores um total de 311 102\$70 e na dos devedores a quantia de 112 548\$30. Feita a contazinha devida temos que o débito do S. C. Espinho transmitido à actual Direcção é de 198 554\$30.

Acerca desta dívida de aproximadamente 200 contos há que esclarecer os interessados pela vida do Clube que havia por parte da Direcção presidida pelo Dr. Ferreira de Campos o desejo de que fosse atenuada no mais curto espaço de tempo, para embaraçar o menos possível a actividade dos Corpos Gerentes de 1973-74.

Assim, há a anotar que dos cento e pouco contos que o Clube tinha a haver apenas sete se podiam considerar de cobrança duvidosa. Os restantes 105 havia que receber de organismos oficiais que normalmente não os deixariam de pagar, como, aliás, tudo leva a crer já aconteceu.

Isto corresponde a dizer que o débito de 311 contos, deixado pela Gerência 1972-73, se poderia considerar reduzido para cerca de 200.

Por outro lado, havia uma verba de 70 contos devida ao Fundo de Fomento da Direcção Geral dos Desportos que por sugestão de um associado foi pedido que fosse anulada pela entidade credora,

facto que veio a acontecer e a diminuir o débito deixado pela Direcção 72-73, que assim passou de 200 para pouco mais de 130 contos.

E estes 130 contos como é que se previam ser anulados? Nem mais nem menos do que contando com o subsídio legal a receber do Fundo de Participação de Obras da Federação de Futebol referente à iluminação do Campo da Avenida, em devido tempo requerido, e que tem oscilado em cerca de 50 por cento do total gasto pelos clubes quando iluminam os seus campos de futebol.

Recorde-se que a iluminação do Avenida ultrapassou os 350 contos e que, portanto, o subsídio que a Federação deve ao S. C. E. pode cobrir os 130 contos atrás referidos.

Mas quando virá a comparticipação dada pelo Fundo respectivo da F. P. F.?

Sabemos que a Direcção 72-73 fez deslocar a Aveiro dois dos seus elementos que, recebidos pelo presidente da Associação de Futebol, foram informados de só na época de 73-74 o clube poder contar com o subsídio da Federação.

Desconhecemos se a actual Gerência do S. C. E. já diligenciou em receber da F. P. F. o quantitativo em causa. Se ainda não o recebeu é de não esquecer o assunto até porque se sabe que a Direcção cessante da Federação fechou as suas contas com 3 000 contos para distribuição, através do seu fundo de fomento desportivo, conforme o Dr. Nunes dos Santos, tesoureiro federativo, divulgou em entrevista concedida ao programa Momento Desportivo da R. T. P.

A. A. G.

MÓVEIS COUTO

Rua 16 n.º 358 — Telef. p. f. 922364

RESTAUROS — ESTOFOS
DECORAÇÕES
— ESPINHO —

Desporto em notícia

• Um grupo de jovens professores de educação física tem-se reunido na Sede do Movimento Democrático de Espinho, ocupando-se com o estudo de um plano desportivo que possa vir a interessar e beneficiar a população concelhia.

• Está praticamente assente que o Doutor Gomes de Almeida deixará de fazer parte da actual comissão gestora da Câmara Municipal para se dedicar exclu-

sivamente à Direcção do Sporting de Espinho.

• Por louvável iniciativa da edilidade espinhense as crianças de Espinho vão ter, muito brevemente, entrada gratuita na Piscina Solário Atlântico.

Medida de evidente utilidade deve também merecer das Colectividades Desportivas locais uma atitude com-

plementar para maior valorização da Juventude.

• Decorreu no passado fim-de-semana, nas instalações do Aero-Clube, um Torneio de tiro aos pombos. Tão discutível ocupação de tempos-livres veio lembrar quanto se podia aproveitar aquela zona verde, a que não falta um magnífico lençol de água, para a prática de um desporto alheio a competições.

GARTAZ

VOLEIBOL FEMININO

Jogo de passagem da II a I Divisão Regional.

CREIF, 3-S. C. E., 1

Pelo SCE alinharam: M. José, Tibéria, Amélia, Lúcia, Clara, Isabel, Guida, Palmira, Nina, Fátima e Teresa.

VOLEIBOL JUVENIS

Tornelo de Encerramento.

AAE, O.F. C. PORTO, 3

Pela AAE alinharam: Pinto, Jorge, Lacerda, Rogério, Fidalgo, A. Iglésias, Barra, J. Iglésias, Maltez e Zenha.

MINIVOLEIBOL

ESMORIZ, 2-AAE, 1

HÓQUEI EM PATINS

Nacional da 2.ª Divisão.

AAE, 8-ED. FISICA, 5

ATENÇÃO SURDOS DE ESPINHO

Voltar a ouvir é voltar a viver

A CASA SONOTONE estará convosco ao vosso serviço e inteiramente ao vosso dispor na

Grande Farmácia de Espinho

Rua 62 — ESPINHO

no dia 10 de Julho, das 9 às 10,30 horas, onde vos apresentará a mais completa gama de aparelhagem auditiva para adaptação racional a cada caso individual: Óculos auditivos. Modelos retroauriculares, Modelos de bolso, Modelos pérola IV e Miracle VI (usados dentro do ouvido sem fios nem tubos) e os sensacionais modelos populares.

A CASA SONOTONE faculta-vos gratuitamente e sem compromisso exames audiométricos e experiências práticas.

Visitem-nos na Grande Farmácia de Espinho no dia 10, das 9 às 10,30 horas.

CASA SONOTONE — Praça da Batalha, 92-1.º — PORTO

— Poço do Borratém, 33 s/1 — LISBOA



Dr. Rogério Ribeiro

Médico Especialista de Medicina Física e Reabilitação

Consultórios: Rua 20 n.º 500-1.º

Telefone 921014 — ESPINHO

Rua Santa Catarina n.º 778-1.º

Telefone 33868 — PORTO

Pinto de Matos

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos ossos e Articulações.

Rua 19 n.º 364-1.º-Tel. 921218

ESPINHO

Dr. Ferreira de Campos

Advogado

Telefone 920805 Rua 11-877

ESPINHO

BENTO DE JESUS CARAÇA

UM HOMEM DO POVO

O Prof. Bento de Jesus Caraça, talvez e infelizmente mal conhecido das modernas gerações, foi um grande professor, um extraordinário educador e um defensor dos oprimidos. Português de impecável conduta, foram essas suas singulares virtudes que lhe mereceram a mais abominável das perseguições por parte das autoridades fascistas. Aquele insuficiente conhecimento da sua vinca da personalidade por parte das novas gerações parece dever atribuir-se essencialmente a três factores: o torpe egoísmo de alguns professores de baixo nível que, em defesa da sua insuficiente capacidade, não se pouparam a esforços para ocultar a obra fecunda daquele Homem exemplar, com receio de oportunas comparações que lhes seriam francamente desfavoráveis; o medo com que, antes de 25 de Abril, se pronunciava o seu nome; finalmente o ter falecido há 26 anos. E, no entanto, consolador verificar, em contraste, que o seu nome se manteve mais vivo junto das classes trabalhadoras mais esclarecidas.

★

Bento Caraça, nascido em Vila Viçosa em 18 de Abril de 1901 de um modesto casal de trabalhadores rurais, conclui a sua instrução primária em 1911 e o curso liceal, com elevadas classificações, Matriculado depois no Instituto Superior de Comércio (posteriormente designado por Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras), licenciou-se em 1923. Exclusivamente mercê dos seus excepcionais dotes de inteligência e de aplicação, frequentando como estudante o segundo ano daquela escola superior, por iniciativa do Prof. Mira Fernandes, fora nomeado 2.º Assistente (de Matemáticas) e, no ano seguinte àquele em que se formara (ano lectivo 1924-1925) passou a 1.º Assistente. A sua ascensão na hierarquia universitária continuou rápida: Professor extraordinário em 1927 e Professor catedrático em 1929. Aos 28 anos de idade, e por distinção, atingiu o cume da carreira universitária, ao ser-lhe entregue a regência de Matemáticas Superiores — Análise Infinitesimal; Cálculo das Proabilidades e suas Aplicações. No ano seguinte inicia a regência da cadeira de Álgebra Superior, Princípios de Análise Infinitesimal, Geometria Analítica que exerce até à data da sua demissão em 1946.

Nesta rápida ascensão, Bento de Jesus Caraça não se limitou a ficar tranquilamente na sua cátedra usufruindo dos louros de uma carreira universitária vertiginosa.

Dotado de invulgar capacidade de transmissão de conhecimentos, o exercício da sua função docente processa-se como que tendo constantemente em mente o menos preparado dos seus discípulos, aquele para quem as eventuais dificuldades da Matemática se desvanecem ante a extraordinária clareza da exposição do Mestre. Bento Caraça tem, como em todos os múltiplos aspectos da sua actividade, soberanamente em mente o mais simples dos seres humanos a quem se dirige. O seu profundo respeito pelo seu semelhante, a sua ansia constante de contribuir para a formação e elevação do Homem determinam-lhe uma atitude que se traduz numa dádiva total. Com tal espírito, o Mestre é o pedagogo inexcelável, um dos artifices mais perfeitos que a difícil arte da Divulgação tem conhecido.

Por isso mesmo, para além da sua função de ensinar e ainda principalmente para não atraí-lo a sua função docente, impõe-se a si próprio a imperiosa tarefa de mais e mais aprender. E, assim, votado a aturado estudo dos mais variados sectores do conhecimento. Como resultado desses estudos, que só cessaram pela sua morte prematura, o catedrático adquire a inultrapassável dimensão do educador, na acepção mais

ampla do termo, de gerações sucessivas de alunos e do povo a quem devotou tanto da sua vida. A ampla cultura assim adquirida tornam-no o incontestado humanista e constante lutador contra todas as injustiças sociais.

Homem do Povo, não só por do Povo ter nascido mas também por formação intelectual, mental e moral, nunca renegou as suas origens, revelando sempre o mais absoluto desprezo pelas conquistas materiais que, por força dos seus méritos, estiveram tanto à sua mão.

Este Homem dotado de uma vontade firme e de uma energia inesgotável, não se limitou ao cómodo exercício das suas funções docentes. Publicou com fins de instrução universitária alguns livros que ainda hoje, e apesar do progresso científico registado, constituem obra didáctica de primeiro plano e de extraordinária perfeição.

Sempre movido pela intenção de difusão cultural, funda a Gazeta de Matemática, juntamente com um grupo dos mais qualificados matemáticos da época. Foi também sócio fundador da Sociedade Portuguesa de Matemática que contribuiu consideravelmente para a dinamização da cultura matemática em Portugal.

Reconhecendo que o Homem só pode ser verdadeiramente livre se tiver um mínimo de cultura que lhe permita conhecer as coordenadas do meio em que vive integrado e dando-se igualmente conta do imenso atraso cultural da generalidade do Povo Português, dispôs-se devotadamente ao apostolado da divulgação da cultura ao serviço das massas. E assim que lecciona e promove cursos e ciclos de conferências na Universidade Popular Portuguesa durante muitos anos consecutivos e que se vê forçado a abandonar por razões de saúde. Funda com outros o jornal «O Globo» onde colaborou. Deste jornal foram publicados apenas dois números por ter sido proibida a sua continuação. Foi assíduo colaborador dos periódicos «Liberdade», «O Diabo», «Seara Nova» e «Vértice». Planeia em 1941 e dirige a Biblioteca Cosmos que publicou 145 volumes sobre os mais diversos assuntos. Não só a cuidadosa forma com que os numerosos autores tratam os diferentes temas, com manifesta preocupação de divulgação de conhecimentos, mas também o nível apreciavelmente baixo dos preços a que se vendiam os volumes confirmam uma obra iminentemente dirigida ao Povo. Com a morte de Bento de Jesus Caraça termina, como preito ao seu Director, a vida da Biblioteca Cosmos.

Também dirigiu até à sua morte a Biblioteca «Cosmos Gigante». Nesta colecção figuram dois volumes da sua autoria (n.º 2 e n.º 18) intitulados «Conceitos Fundamentais da Matemática» que, mais tarde, foram reeditados em um só volume contendo uma terceira parte inédita e que era destinada a publicação na mesma Biblioteca. Esta obra constitui uma interpretação em termos do Materialismo Dialéctico da evolução do pensamento matemático.

Deve-se inequivocamente ao génio de um Homem como Bento Caraça que pôs toda a sua energia e inquebrantável vontade ao serviço da grandiosa tarefa de contribuir por todos os meios para a libertação, através da cultura, do Povo Português.

Continuando a sua incansável luta em favor da educação do povo, profere várias conferências e escreve vários artigos, postumamente reunidos pelo escritor Manuel Mendes, sob o título de «Conferências e Outros Escritos».

Bento de Jesus Caraça empenhou-se, com determinação que nem as perseguições nem a doença afectaram, naquilo a que chamou «o despertar da alma colectiva das massas», através da educação e da cultura. Visava deste modo a emancipação do Povo e, por isso, causou sérias preocupações ao fascismo entre cujas armas de subjugação estão o obs-

GAZETILHA

Coincidências

Lá se foi Junho, com as suas chuvas
Que não eram da época... mas foram!
Prejuízos prós milhos e prás uvas
E para muito mais, se mais demoram.
Entre as festas dos santos populares,
O São João foi o que mais sofreu;
Quedaram-se os romeiros nos seus lares;
Passante de cem horas que choveu.

Chuva no verão, a fio, em tanta hora,
Há perto de cem anos se não via!

D'igual sorte, não era como agora,
Que há meio século o povo se expandia,
Em plena fruição da Liberdade.

Que singular fenómeno haveria,
Nos arcanos da periodicidade,
Em política e em meteorologia?!

Alberto Barbosa (BEKA)

curantismo e ignorância a que sistematicamente pretenderam sujeitar o Povo.

Ao valor moral, cultural e humano da obra de Bento Caraça responderam os Governadores do tempo com perseguições que culminaram com o seu afastamento da cátedra que tão honradamente ocupava e se prolongaram através da destruição sistemática de tudo o que na Escola tinha sido de sua iniciativa ou merecido o seu apoio. E o profundo respeito de todos os que liam as suas obras ou seguiam os seus cursos só aumentou, independentemente dos seus credos políticos ou confissões religiosas.

★

Homem do seu tempo e sempre voltado para o futuro, por isso constantemente interessado pela vida intelectual do país e do estrangeiro, frequentou e conquistou profundas amizades nos meios da Música, das Artes Plásticas e das Letras do nosso País. Pode mesmo afirmar-se que exerceu influência estimulante na obra de artistas, poetas e prosadores do seu tempo que hoje ocupam lugares cimeiros na Cultura Portuguesa.

★

Homem culto, no exacto sentido da definição por ele mesmo dada na «Cultura integral do indivíduo — problema central do nosso tempo viveu sempre os problemas sociais e políticos da sua época.

Homem do Povo, do Povo oriundo, nunca se alheou das suas aflições e angústias numa terra sem liberdade, sem justiça e quantas vezes sem pão.

Homem de alma aberta aos ventos da história e, portanto, sempre atento à «linha das construções que se vêem no

horizonte» afirmou-se um lutador de rara tempera.

Por tudo isso Bento de Jesus Caraça foi um exemplo de constante luta contra as injustiças sociais, os privilégios de toda a espécie e, consequentemente, da sua forma mais requintada — o fascismo. Vemo-lo membro activo do Movimento de Unidade Antifascista (MUNAF), na vanguarda do Movimento de Unidade Democrática (MUD), na origem e preparação da candidatura do General Norton de Matos à Presidência da República.

Por tudo isso, Bento de Jesus Caraça, quase anonimamente, promoveu e impulsionou o auxílio no País e no estrangeiro aos perseguidos por toda a espécie de abusos de poder ou manobras da reacção, como os exilados republicanos da Guerra Civil espanhola e os mártires das hordas Hitlerianas. Vemo-lo a cooperar e a estimular a cooperação de outros com o Exiled Writers Committee e com o American Committee to Save Refugees.

Por tudo isto, Bento de Jesus Caraça ocupou sempre a primeira fila das lutas políticas que constituíram a resistência de um Povo afinal «indomado e indomável» que serviu de base à alvorada da liberdade de 25 de Abril de 1974. Vemo-lo resistente, como tantos outros, às perseguições do Governo de Oliveira Salazar, sempre igual a si mesmo ante as violências da censura e da PIDE que por duas vezes o encarcerou quando aos 47 anos já lhe fugia a vida.

Mostrou, como os maiores, que as «ilusões nunca são perdidas». Mostrou, como os maiores, que «elas significam o que há de melhor na vida dos Homens e dos Povos».

«Benditas as ilusões, a adesão firme e total a qualquer coisa de grande, que nos ultrapassa e nos requer».

SEMANÁRIO
AVENÇADO